



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GABRIELA DE MOURA RODRIGUES

**DENTRO DE CASA: FOTODOCUMENTÁRIO SOBRE EMPREGADAS
DOMÉSTICAS EM LONDRINA**

Londrina
2024

GABRIELA DE MOURA RODRIGUES

**DENTRO DE CASA: FOTODOCUMENTÁRIO SOBRE EMPREGADAS
DOMÉSTICAS EM LONDRINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel, em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Maria Luisa Hoffmann

Londrina
2024

Inserir ficha catalográfica

A ficha catalográfica é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<https://sites.uel.br/bibliotecas/geracao-automatica-de-ficha-catalografica/>

GABRIELA DE MOURA RODRIGUES

**DENTRO DE CASA: FOTODOCUMENTÁRIO SOBRE
EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM LONDRINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Londrina - UEL, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel, em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Orientador Maria Luisa Hoffmann
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Márcia Neme Buzalaf
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Roberto Aparecido
Mancuzo Silva Junior
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de ____ de ____.

Dedico este trabalho à minha mãe,
Ivone.

Se eu tivesse o poder de escolher minha
família nas próximas vidas,
sempre retornaria para ser sua filha.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a nossa Senhora de Aparecida por toda benção que eu recebi até aqui. Agradecer aos meus pais e especialmente a minha mãe, Ivonete, por todo o esforço que ela me deu para que eu chegasse aqui.

Fico profundamente lisonjeada a Universidade Estadual de Londrina, por me oferecer todo o ensino, apoio médico e psicológico, como o DASC e a clínica psicológica da UEL, em especial ao meu psicólogo, Maicon Ian Santos Pardim.

Aos meus familiares Ana e João dos Santos e todas as pessoas que contribuíram para a minha formação.

Em especial a TV UEL, que me formou como profissional e me ensinou tantas coisas que não caberiam nesse agradecimento. Ao Célio Costa, que me ensinou diversas técnicas de fotografia em meus tira dúvidas de meia hora. E com todo o amor a Marco Antonio e Fiama Heloísa, vocês me ensinaram como ser uma boa jornalista, e se mostraram como duas pessoas que eu viveria uma vida só para ter a oportunidade de conhecer vocês, muito obrigada por tudo.

Agradecer especialmente a todos os amigos que eu fiz na minha trajetória da graduação, eu acredito que a universidade são todas pessoas que você conhece pelo caminho, seja todos os amigos do cursinho até os da graduação, como Mayara Tavares. Em especial, a todos meus amigos do Rondon Paraná, que contribuíram para ser quem eu sou hoje.

A Profa. Dra. Maria Luisa Hoffmann, orientadora que acompanhou nesse processo, com muita paciência e sabedoria pra lidar com a minha ansiedade.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação.

E não poderia faltar, o meu mais querido amigo, Juliano Carneiro Quirino, quem me acompanhou por todos esses anos, esteve comigo em todos os altos e baixos, quem me ensinou o verdadeiro significado da palavra amizade, confiança e compaixão.

“Vivo e escrevo ameaçado por essa lateralidade, por essa paralaxe verdadeira, por esse estar sempre um pouco mais à esquerda ou mais ao fundo do lugar onde eu deveria estar para que tudo se encaixasse satisfatoriamente num dia a mais de vida sem conflitos.”

Júlio Cortázar

RESUMO

RODRIGUES, Gabriela de Moura. **DENTRO DE CASA**: fotodocumentário sobre a empregada doméstica em Londrina. 2025. 34 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação jornalismo) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, ano de realização.

Este trabalho teve como objetivo documentar a trajetória de cinco mulheres empregadas domésticas em Londrina, Paraná. Para isso, foi produzido um e-book, utilizando a linguagem fotográfica para representá-las em sua totalidade dentro de seus lares. Para encontrar a forma mais fiel de documentar essas mulheres, foram utilizadas entrevistas e registros fotográficos. A abordagem metodológica adotada foi exploratória e a principal técnica de coleta de dados foi a entrevista, aplicada como técnica jornalística. Com a realização deste TCC, foi possível utilizar a fotografia para promover reflexões de debates sobre a funcionária doméstica.

Palavras-chave: fotodocumentário; fotolivro; empregada doméstica; feminismo subalterno;

ABSTRACT

Rodrigues, Gabriela de Moura. **INSIDE THE HOUSE**: A Photodocumentary on Domestic Workers in Londrina. 2025. 34 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

This study aimed to document the journey of five female domestic workers in Londrina. To achieve this, an e-book was produced, using photographic language to represent them in their entirety within their homes. To find the most accurate way to document these women, interviews and photographic records were used. The methodological approach adopted was practical methodology, and the primary data collection technique was the interview, applied as a journalistic technique. Through this thesis, it was possible to use photography to promote reflections and debates on domestic workers.

Key-words: Photodocumentary; photobook; domestic worker; profile text; subaltern feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ana Lúcia Alves de Lima	28
Figura 2 – Claudeci Francisca de Melo	29
Figura 3 – Lucimar Menezes de Souza	30
Figura 4 – Rosimeire Costa Teixeira	31
Figura 5 – Sueli Menezes.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UEL	Universidade Estadual de Londrina
PEC	Projeto de Emenda à Constituição
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO
1.2	OBJETIVOS.....
1.3	JUSTIFICATIVA.....
2	RELATÓRIO CONCEITUAL TEÓRICO
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....
2.2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
2.3	FOTODOCUMENTÁRIO.....
2.4	<i>FEMINISMO SUBALTERNO</i>
2.5	<i>O EBOOK</i>
3	MEMORIAL DESCRITIVO
3.1	PROJETO EDITORIAL.....
3.2	PERSONAGENS.....
3.3	PERFIL DAS PERSONAGNES.....
3.4	PROJETO GRÁFICO E IDENTIDADE VISUAL.....
3.5	RECURSOS.....
	REFERÊNCIAS.....

1 INTRODUÇÃO

O serviço doméstico desempenha um papel central na organização das sociedades capitalistas, garantindo o suporte necessário para que outras atividades econômicas sejam realizadas. Devido às divisões criadas pelo sistema, como a distinção de gênero entre homem e mulher, o cargo de empregada doméstica acaba sendo predominantemente destinado ao gênero feminino. Ademais, a função da empregada no Brasil vai além de passar, limpar, lavar e cumprir o acordo, muitas vezes acabam desenvolvendo o trabalho de cuidado com crianças e idosos sem a devida remuneração. Segundo a Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, que dispõe sobre o emprego doméstico:

"Art. 1º Ao empregado doméstico, assim considerado aquele que presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana, aplica-se o disposto nesta Lei." (BRASIL, 2015).

É obrigatória a formalização da contratação e a realização das atividades dentro do ambiente de trabalho. Contudo, a doméstica frequentemente inclui uma série de funções adicionais às quais ela é submetida, como o cuidado de crianças, idosos, responsabilidades que muitas vezes extrapolam o que é previsto em lei. Realidade é abordada no filme *Que Horas Ela Volta?* de Anna Muylaert, que retrata o cotidiano de Val, uma empregada doméstica que abdica de sua convivência com a filha para trabalhar em São Paulo. Na obra, Val executa todas as tarefas dentro da casa, até criar o filho da patroa, o Fabinho.

Dados recentes do IBGE (2022), revelam que a população brasileira possui 5,8 milhões de trabalhadores domésticos, sendo que 93,4% são mulheres, e a maioria dessas mulheres é negra (67,3%). A profissão enfrenta dificuldades de contratação no mercado de trabalho, pois a fiscalização não consegue garantir todos os direitos delas, dado que 43,3% são diaristas, o que dificulta as vitórias por não haver vínculo empregatício.

Segundo a filósofa e um dos principais nomes do feminismo decolonial, Françoise Vergès, a respeito do trabalho doméstico na sociedade:

Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras racializadas, 'abrem' a cidade. Elas limpam os espaços que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho

perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente, viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma interseção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que as empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo. (Vergès 2020, p. 18)

Concomitantemente, essa função sofre uma série de discriminações que evidenciam a relação de subalternidade presente na nossa sociedade, devido a um sistema social e histórico que as colocou nessa posição, conforme apontado pela filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez: "Na medida em que existe uma divisão racial e sexual da força de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como seu lugar na força de trabalho." (Gonzalez, 2020, p.56).

A função da empregada doméstica no Brasil remete ao sistema escravista. No contexto brasileiro, esse trabalho apresenta as desigualdades de classe, gênero e raça de modo que as mulheres negras acabam sendo as mais afetadas por essas desigualdades. Como trabalha Lélia Gonzalez na obra, *Por um feminismo afro latino americano*, a mulher negra na sociedade brasileira é exposta a diversas discriminações que a colocam nesse lugar de inferioridade: "Ser negra e mulher no Brasil, é ser objeto de tríplice discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo sexismo e racismo a colocam no nível mais alto de opressão." (Gonzalez, 2020, p.58).

No contexto social e econômico contemporâneo, a figura da funcionária doméstica no Brasil desempenha um papel crucial, embora muitas vezes socialmente invisível e subalternizado. A profissão enfrenta diversas formas de desigualdade e marginalização. Este trabalho de conclusão de curso propõe-se a documentar e registrar essas realidades através de um fotodocumentário, com o objetivo de debater o tema e dar visibilidade às mulheres que atuam nesse campo.

De acordo com Sousa (2002), é essencial que o fotojornalismo explore novos usos sociais e funções, reconhecendo o papel da intervenção fotográfica na construção social da realidade. Isso implica que o fotodocumentário pode capturar as condições de trabalho e vida das domésticas e diaristas, mas também contextualizar e narrar suas trajetórias e imagens. Dessa forma, o fotodocumentário evidencia as múltiplas dimensões de suas vidas e as desigualdades que enfrentam diariamente.

1.1 OBJETIVOS

- O objetivo geral desse trabalho é produzir um fotodocumentário sobre a empregada doméstica em Londrina.

1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

-Utilizar as técnicas de entrevista jornalísticas em todas as participantes, para compreender suas histórias de vida e rotina.

-Fotografar-las dentro de suas casas, representando sua realidade.

- Aprofundar a prática do fotodocumentarismo na documentação da rotina das trabalhadoras domésticas.

-Produzir um e-book com as imagens e relatos coletados.

1.2 JUSTIFICATIVA

Além do interesse pela fotografia, sempre observei a vida das pessoas em minha volta. Na minha família, a maioria das mulheres são domésticas ou diaristas. Pessoas que foram privadas de estudar, seja por falta de condições financeiras ou por falta de apoio da família e do marido. Tive a oportunidade de observar essa realidade de perto com a minha mãe, observando o seu dia a dia, ela sempre esteve cuidando da casa, do meu pai, de mim e dos meus irmãos, e logo após, seguia para outra residência para fazer o mesmo trabalho.

Além disso, notava o tratamento diferente das pessoas em relação a minha mãe, o que me levou a sempre questionar esse comportamento. Esse trabalho além de documentar, é acima de tudo pela necessidade de mostrar as belezas e a força existente nessas mulheres. De acordo com Boni (2009), movido pela necessidade de mostrar às classes média e alta uma realidade diferente, ele passou a fotografar pela vontade de retratar essa outra realidade. Dado isso, percebi que o fotodocumentarismo é a melhor maneira de abordar e defender a importância de apresentar essa temática.

Durante minha trajetória na universidade, ao estagiar em telejornalismo e aprender sobre diversas etapas da produção, descobri que minha maior afinidade está na fotografia. Com este trabalho em formato de e-Book, pretendo aprofundar meus

estudos na área fotográfica e, ao mesmo tempo, contribuir para valorizar minha mãe e outras mulheres, destacando sua importância como pessoas.

Cada imagem foi cuidadosamente selecionada que mostram uma parte da rotina, destacando suas feições e vivências diárias. Este trabalho não se limitará a uma análise acadêmica distante, mas buscará promover uma reflexão crítica e sensível sobre o trabalho doméstico feminino. A proposta é que o projeto não apenas informe, mas também que leve a reflexão a ponto de pensar no tratamento, respeito e na valorização dessa profissão.

2 RELATÓRIO CONCEITUAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Para compreendermos o cenário onde a mulher que exerce serviços domésticos se insere no Brasil, é essencial compreender o recorte histórico e social. Essa profissão foi marcada por profundas desigualdades estruturais que remontam ao período colonial e à escravidão, deixando um legado de precarização, subvalorização e exploração das mulheres que desempenham essa função. Segundo, Lélia Gonzalez:

“No período que imediatamente se sucedeu a abolição, nos primeiros tempos de ‘cidadãos iguais perante a lei’, coube a mulher negra arcar com a posição de viga mestre de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi duplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e suas obrigações familiares”. (González, 2020, p.40.)

Nesse cenário, a PEC das Domésticas, sancionada durante o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2013, representou um marco na luta por seus direitos. Ao estabelecer uma série de garantias legais, como a formalização do trabalho, a regulamentação da jornada e o acesso a benefícios previdenciários, a medida trouxe avanços significativos, mas também evidenciou os desafios persistentes na efetivação desses direitos.

Para compreender o papel histórico e social do trabalho, bem como as dinâmicas de opressão enfrentadas por mulheres, o trabalho fundamenta-se na teoria do feminismo subalterno. A abordagem destaca a necessidade de desconstruir narrativas hegemônicas e reconhecer as especificidades das mulheres subalternizadas, cujas vivências são atravessadas por desigualdades estruturais.

O fotodocumentário busca, portanto, dar visibilidade às histórias das empregadas domésticas, evidenciando como a interseção entre gênero, raça e classe define suas trajetórias e suas lutas. Ao ouvir e dar espaço para que essas mulheres sejam escutadas, o projeto pretende contribuir para a valorização de uma categoria socialmente invisibilizada.

2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na teoria sobre o fotojornalismo existe uma discussão sobre a diferença entre fotorreportagem e fotodocumentário, de acordo com Souza (2002) “O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como ‘meio’ para transformações na sociedade”, uma das características distintivas do fotodocumentário é sua capacidade de fornecer um trabalho mais detalhado, de algum assunto social que tem como prioridade a documentação de um fato atemporal.

Composto por uma série de fotografias, que podem ou não vir acompanhadas de textos explicativos, o fotodocumentário exige um planejamento e uma produção cuidadosos. De acordo com Boni (2009), “Uma das características inerentes do fotodocumentário é oferecer um produto mais elaborado. Formado por um conjunto de fotografias, acompanhado ou não de textos explicativos, o fotodocumentarismo demanda esforços de planejamento e produção”.

Quando se trata de fotodocumentários voltados para a denúncia social, geralmente abordam problemas que afetam a sociedade, como fome, conflitos étnicos, religiosos e guerras. Ao expor tais questões para o público, os trabalhos ajudam a aumentar a conscientização e incentivar ações que podem levar a mudanças reais.

Diante disso, o fotodocumentário é eficiente na visibilização de questões sociais, especialmente no que se refere ao trabalho das empregadas domésticas. Segundo Jorge Pedro Sousa (2002), de maneira ampla, o fotodocumentarismo pode ser considerado uma extensão do fotojornalismo, pois ambos utilizam frequentemente a imprensa como meio de difusão e compartilham a intenção básica de documentar a realidade e informar através de fotografias.

No entanto, em um sentido mais restrito, o fotodocumentarismo e o fotojornalismo podem ser diferenciados pela natureza do trabalho. Enquanto o fotodocumentarista trabalha com projetos fotográficos bem planejados, o fotojornalista muitas vezes enfrenta a imprevisibilidade de não saber o que vai fotografar ou em que condições irá trabalhar ao chegar ao seu local de trabalho diariamente (Souza, 2002).

O fotodocumentário se mostra eficiente para dar maior visibilidade a mulheres trabalhadoras no setor doméstico, porque ele vai além de evidenciar, ele informa, documenta um fato, podendo servir posteriormente para desenvolver novos trabalhos nessa área. De acordo com Jorge Pedro Sousa, "fotodocumentarismo alicerça o seu

afastamento da ideia de que serve apenas para testemunhar, quebrando amarras, rotinas e convenções" (Souza, 2002).

2.2.1 A imagem como elemento de significação

Para compreendermos a fotografia no fotodocumentarismo é essencial estabelecer que a fotografia, qualquer pessoa de diferente idioma ou país, dotada da visão consegue captar alguma mensagem. Mesmo que esse entendimento da mensagem seja interpretado de forma pessoal. Assim, podemos compreender que a imagem é um elemento de leitura e a mensagem é uma ferramenta de comunicação, de acordo com Paulo César Boni: "O fato inegável é que a fotografia sempre permite uma leitura. Ela se constitui, portanto, numa manifestação da linguagem, pois a linguagem é, em primeira instância, a base para leitura." (Boni, 2000, p.49).

De acordo com Boni (2000), a linguagem verbal possui regras e códigos para alguém alfabetizado ser capaz de compreender o que está escrito, já a fotografia é constituída por códigos abertos e contínuos, dado isso qualquer pessoa pode interpretar uma mensagem de determinada forma de acordo com o seu repertório.

Por exemplo, ao observar uma fotografia da obra *Êxodos*, de Sebastião Salgado, qualquer pessoa de outro país que não conheça o trabalho do autor pode interpretar a imagem como uma simples representação da realidade, reconhecendo o sofrimento retratado, mas sem captar as nuances do contexto histórico, social e cultural que ela carrega.

Isso evidencia que, embora a fotografia seja uma linguagem universal, sua interpretação depende do repertório e da bagagem cultural do observador. Assim, enquanto alguém familiarizado com a obra de Salgado identifica a crítica social e a narrativa humanista presentes em *Êxodos*, outra pessoa, com um repertório diferente, pode limitar sua leitura ao aspecto estético ou superficial da imagem, deixando de lado a profundidade contida na fotografia.

Portanto, se a fotografia possibilita diferentes interpretações dependendo da leitura de cada observador, é fundamental que ela contenha elementos visuais que direcionem o espectador ao significado desejado. Assim, a imagem transmite uma mensagem, e para garantir que essa mensagem corresponda à intenção do fotógrafo,

é indispensável o uso de técnicas fotográficas que expressem claramente sua intencionalidade, de acordo com Boni,

“Esta intencionalidade se manifesta pelo uso dos recursos técnicos (componentes de ordem material), pelo domínio dos elementos da linguagem fotográfica, que constituem em uma espécie de vocabulário do qual o fotógrafo lança para “escrever”, e pela influência- consciente ou inconsciente- de que seu repertório pessoal (elementos de natureza material), responsável pela sua manifestação ideológica na imagem que por sua habilidade de escrever.” (Boni, 2000, P. 8).

Com elementos fotográficos é possível criar a intencionalidade na mensagem que se deseja passar e com recursos técnicos que destacam o recorte da realidade que o fotógrafo enxerga e deseja passar. Segundo Paulo Boni, “assistindo a um filme cinematográfico, por exemplo, é possível adotar elementos de significação que auxiliem ou induzem o telespectador a leitura sugerida ao significado do seu produto” (Boni, 2000 p. 25).

Da mesma forma, a leitura será a partir do conhecimento e entendimento de recursos fotográficos do leitor, e o fotógrafo utilizará recursos da linguagem fotográfica, como angulação, composição, equilíbrio, entre outros, para transmitir a intencionalidade na comunicação. Em outras palavras, a fotografia é uma forma de comunicação visual construída a partir de elementos da linguagem fotográfica que evidenciam a intenção do fotógrafo a fim de transmitir uma determinada mensagem para o leitor.

2.2.2 Elementos da imagem fotográfica

Para a construção da intencionalidade no fotolivro, é importante entender a linguagem fotográfica. A importância da técnica reside no fato de que, por meio dos elementos técnicos, o fotógrafo consegue transmitir suas intenções e construir a realidade que deseja comunicar. Segundo Boni (2000), existem vários elementos de significação que são regularmente utilizados como ângulos de tomada de foto, cortes, contrastes.

2.2.3 Composição e angulação

A composição trata-se da disposição dos objetos em um determinado plano, sendo fruto da criatividade do fotógrafo em ordenar os elementos da imagem para

gerar sentido. Segundo Boni:

A composição é uma seleção, pelo fotógrafo, do que será apresentado ao leitor. Esse processo seletivo dá-se em duas etapas. A primeira está relacionada com a escolha dos elementos (humanos, animais, objetos, ambiente, etc.) que irão compor o fotograma. Geralmente essa escolha se dá através do enquadramento e do corte. Faz-se uma seleção do que fotografar. A segunda etapa está relacionada às técnicas de como fotografar o que se escolheu para fotografar. Nesse sentido, opta-se por plano de foco, luz, ângulo, perspectiva, textura, etc. (Boni, 2000, P. 78)

O ângulo escolhido direciona o olhar do espectador para o que o fotógrafo ressalte a composição da imagem. A angulação na fotografia pode diminuir ou aumentar o personagem. Assim, se deseja passar a mensagem de grandiosidade de um personagem, como um presidente, fotografa-se de baixo para cima, no contre-plongé. De acordo com Martine Joly:

“Alguns ângulos de tomada muito marcados estão vinculados por convenção a certas significações: o plongée (de cima para baixo) e a impressão de esmagamento dos personagens, por exemplo, o contre-plongée (de baixo para cima) e seu engrandecimento. No entanto, é preciso lembrar que, por mais comuns que sejam, essas significações permanecem extremamente convencionais e nada têm de "obrigatório". Muitos diretores ou fotógrafos as utiliza maneira oposta mantendo a legibilidade. Portanto, cada caso deve ser examinado com cuidado. No entanto, o ângulo, "à altura do homem e de frente" é aquele que dá com maior facilidade a impressão de realidade e "naturaliza" a cena, pois imita a visão "natural" e distingue-se de pontos de vista mais sofisticados (por exemplo, o oblíquo), que evidenciam um operador em vez de fazer esquecer-lo.” (Joly, 1994, p. 94)

Além disso, o ângulo à altura do olhar é ressaltado como aquele que mais facilmente transmite realismo, pois imita a visão natural do espectador, tornando a cena mais próxima da realidade. Essa reflexão mostra que a composição fotográfica não é neutra, sendo um elemento fundamental na construção de significados dentro da imagem.

2.2.4 Enquadramentos e planos

Enquadramento é o recorte da imagem, aquilo que se deseja por dentro do visor da câmera, sem retirar os elementos importantes, apenas os elementos que o fotógrafo deseja que fiquem. De acordo com Sousa (2002), o enquadramento acaba sendo finalizado no plano porque a fotografia é uma unidade de significação que se

consolida nessa etapa. Ou seja, o enquadramento define a distância entre o objeto fotografado e a câmera; ao utilizar uma lente que aproxime mais do objeto, transmite-se uma informação diferente daquela obtida ao se afastar e inserir mais elementos na imagem.

De acordo com Boni (2000), os planos estão relacionados ao distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado, sendo influenciados pela distância focal das lentes. Essa técnica é amplamente utilizada na cinematografia para enquadrar o máximo de elementos em uma imagem.

Os planos de tomada, via de regra, são atrelados à distância focal das lentes fotográficas. As lentes de curta distância focal (olho-de-peixe e grandes angulares) são muito utilizadas para planos abertos (panorâmico, grande plano geral e geral). As lentes de distância focal mediana (a lente normal de 50 mm, por exemplo) são mais utilizadas para planos médios (geral, médio, americano). E as lentes de longa distância focal (zooms e objetivas) são mais apropriadas para os planos mais fechados (americano, primeiro plano, close-up, plano de detalhe). (BONI, 2000, p.65)

Dentre todos os planos, para fim de entendimento deste trabalho, seguiremos com os planos que foram utilizados para a produção das fotografias: o plano geral, plano médio, primeiro plano e o plano detalhe.

2.2.5 Plano geral

Este plano apresenta elementos que compõem a imagem e integram o contexto geográfico, segundo Boni (2000), ele é regularmente utilizado para mostrar o ambiente, podendo revelar a integração entre o homem e o ambiente, não tão aberto para destacar a figura do personagem e não tão fechado a fim de valorizar apenas o humano, sendo a maior proveito o seu valor descritivo.

2.2.6 Plano médio

O plano médio, segundo Boni (2000, p. 70), é um divisor entre planos fechados e abertos, dado que, de modo fotográfico, entre os planos de curta e longa distância focal, possui o equilíbrio entre o homem e seu ambiente de trabalho. Ideal para o fotojornalismo, destaca-se pela riqueza de detalhes e interação com o homem e o ambiente. Mesmo interagindo com o ambiente, o ser humano se destaca e atrai a

atenção do leitor com mais intensidade. De acordo com Boni:

O uso do Plano Médio, por esta riqueza de detalhes e maior possibilidade de remissão dedutiva, torna-se evidência incontestável de que o repórter fotográfico lança mão de alguns elementos da linguagem fotográfica para manifestar sua intencionalidade de comunicação. A escolha do plano de tomada, por si só, já seria uma evidência. Somando-se a ele o plano de foco, o ângulo, a composição de elementos, a luz, a textura e tantos outros, fica ainda mais evidente sua intencionalidade em traduzir, para o leitor, a cena exatamente como ele a presenciou. (Boni, 2000, p. 70)

2.2.7 Primeiro plano

Como argumenta Boni (2000), o close-up destaca o sujeito na imagem, eliminando o ambiente e evidenciando a fisionomia e as emoções dos personagens. Sua principal função é registrar a expressão facial, sendo amplamente utilizado no cinema em diálogos para enfatizar a emoção e o comportamento da pessoa que fala.

2.2.8 Plano detalhe

Segundo Boni (2000), o plano detalhe, como o próprio nome sugere, é utilizado para destacar partes específicas de uma pessoa ou de um objeto, como mãos, boca ou olhos, podendo evidenciar sentimentos como arrependimento, dor ou angústia. Esse plano pode alcançar um alto grau de sensibilidade, já que, com o enquadramento e o foco no objeto, pode transmitir a sensação de algo muito maior do que realmente é.

2.2.9 Super close up

De acordo com Boni (2000, p. 73) “seu enquadramento é tão fechado que destaca a fisionomia do sujeito registrando em pormenores seus traços e emoções”, com o intuito de dar destaque para as emoções das personagens.

2.2.9.1 Feminismo subalterno

O feminismo é um movimento social e um campo teórico que luta pela igualdade de gênero, pela liberdade sexual e reprodutiva, e pela superação das

diversas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres. Suas reivindicações incluem reformas políticas no âmbito do sistema capitalista, com o objetivo de ampliar os direitos e a participação feminina na sociedade. Ao longo de sua trajetória, o movimento feminista conquistou importantes avanços, abrindo espaço político e garantindo direitos para mulheres em diferentes partes do mundo.

Um exemplo marcante no Brasil foi a eleição de Dilma Rousseff como a primeira mulher a ocupar a Presidência da República. No entanto, o processo de impeachment que resultou em sua destituição em 2016, expôs as dinâmicas de violência de gênero e as dificuldades enfrentadas por mulheres em posições de poder.

No entanto, em sua trajetória, na maioria das vezes o feminismo conhecido como hegemônico ou liberal não foi capaz de defender as experiências e lutas de mulheres pertencentes a outros contextos marcados pela marginalização racial, cultural e econômica. Dado isso, a origem do feminismo subalterno se estabelece no período pós-colonial, de acordo com o artigo, *Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano*,

“Os feminismos subalternos podem ser entendidos como aqueles movimentos de mulheres que identificam na existência de um feminismo hegemônico a promoção de uma outra relação de subalternidade sobre mulheres historicamente subalternizadas.”

O conceito de feminismo subalterno tem sua origem nos estudos pós-coloniais e decoloniais. De acordo com Fraçoise Vergès: “Os feminismos decoloniais estudam o modo como o complexo racismo, sexismo, etnicismo impregna em todas as relações de dominação, ainda que os regimes associados a esse fenômeno tenham desaparecido.” (Vérges, 2021, p.41).

Ele se fundamenta na ideia de que o colonialismo foi além da exploração de recursos naturais, deixando como herança desigualdades que ainda permeiam nossas relações. É visível a estratificação econômica, social e racial presente em diversas sociedades. González (2020) destaca que, com a presença do capital industrial monopolista voltado para a acumulação, ocorre um crescimento desigual, marcado por desigualdades históricas que resultam em uma população marginalizada.

Essa “massa marginal” é vulnerável ao subemprego, sendo que essa vulnerabilidade coincide com fatores como etnicidade e gênero. Dessa forma, os níveis mais baixos das profissões frequentemente recaem sobre mulheres e pessoas

negras, refletindo as dinâmicas estruturais de opressão que atravessam a história.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer o impacto histórico e social do colonialismo nos países colonizados e as desigualdades enfrentadas por diversas populações como resultado da acumulação de capital pelas classes dominantes. Assim, torna-se imprescindível descolonizar as narrativas para dar visibilidade sem apagar outras redes de pensamentos feministas e antirracistas, segundo Vêrges: “não devemos subestimar a velocidade com o que o capital é capaz de absorver certas noções para transforma-las em palavras de ordem esvaziadas de conteúdo.” (VÈRGES, 2021, p.41).

2.2.9.1.1 O e-book

O e-book será utilizado como canal e meio para a distribuição do material, destacando sua natureza digital e sua estrutura no formato de fotografia documental. Como canal, o e-book se posiciona no ambiente digital e online, garantindo maior acessibilidade e alcance ao público interessado. Já como meio, sua organização reflete as características de um livro, proporcionando uma experiência narrativa estruturada e coerente.

Essa combinação permite que o conteúdo seja apresentado de forma prática e moderna, enquanto a escolha da fotografia documental como linguagem reforçando a capacidade de narrar histórias visuais impactantes e contextualizadas. O formato de e-book digital assegura não apenas a disseminação mais ampla das ideias, mas também a valorização do conteúdo por meio de uma interface visualmente rica e acessível.

3 MEMORIAL DESCRITIVO

Esse capítulo vai abordar a parte prática do produto a ser elaborado. Para maior entendimento e organização, separei em seis partes.

3.1 PROJETO EDITORIAL

Trata-se de um e-book, produzido com o objetivo de fotodocumentar empregadas domésticas em Londrina, buscando sensibilizar a sociedade para as questões enfrentadas no serviço doméstico.

A linha editorial do projeto aborda o conceito de que o jornalismo é além do dia a dia da redação, mas também uma ferramenta de luta para transformar e dialogar com diferentes realidades, e principalmente com mulheres socialmente invisibilizadas na sociedade.

O público-alvo deste trabalho é o público em geral com objetivo de promover reflexão e reconhecimento, empregadores que contratam esse serviço, com o objetivo de propiciar debates e dar visibilidade às mulheres que trabalham na área. E a comunidade acadêmica que tenha interesse em estudos de gênero, classe e desigualdades sociais.

3.2 PERSONAGENS

Foram selecionadas cinco mulheres que trabalham no setor doméstico, como empregadas domésticas e diaristas, considerando uma variedade de contextos pessoais e experiências. As participantes foram escolhidas com base no gênero, classe e cor, levando em conta o consentimento das participantes, para garantir que todos os objetivos desta produção estejam claros, assegurando o consentimento para o uso de imagem.

Foram feitas perguntas para as entrevistadas sobre a trajetórias de vida das mesmas, e para as secções fotográficas foi acompanhado um dia de rotina em suas residências, respeitando os aspectos da imagem, assegurando que as singularidades das participantes sejam abordadas e documentadas. As pautas incluem perguntas sobre o cotidiano, dificuldades, desafios diários, desejos,

tratamento no local de trabalho, realizações durante sua trajetória e percepções das participantes sobre seu trabalho.

3.3 Perfil das personagens

Ana Lúcia Alves de Lima, 56 anos. Desde que se entende por gente, lembra-se de estar trabalhando. Começou aos doze anos e defende, com firmeza, que a categoria de diarista não existe. Com a voz levemente alterada, explica que, sem pagar o INSS, fica sem nada. Ainda assim, reconhece que trabalhar como diarista pode render mais. Ao lembrar da família, sente uma ponta de dor. Seus pais fugiram de casa aos 13 ou 14 anos e nunca mais tiveram contato com a sua família. Anos depois, quando tiveram filhos, essa distância já existia, e por isso ela nunca conheceu seus parentes. Mesmo após muitos anos, sente muita falta da mãe e da família que não teve a oportunidade de conhecer. Cuidou de várias crianças e dos cachorros em sua trajetória como empregada doméstica, mas era na hora de se despedir que doía. Prometeu a si mesma nunca mais se apegar aos filhos dos outros. Chorou pelas crianças e pelos cachorros. Na década de 90, nasceu sua filha Joice, que contou com a contribuição de uma das famílias na sua criação. Fica contente ao falar que teve sorte com os patrões. Sorridente, toca seu piano, assiste a seu dorama, cuida de seus cachorros e não precisa dizer adeus a sua família.

FIGURA 1- Ana Lúcia Alves de Lima



Foto: Gabriela Rodrigues

Claudeci Francisca de Melo, 55 anos. Prefere ser chamada de Kimico, seu apelido de infância e o nome pelo qual todos a conhecem. “É Kimico pra cá, é Kimico pra lá”. Começou a trabalhar aos doze anos. Cuidava da casa e dos três filhos da patroa, levando-os e buscando-os na escola. Ao longo da vida, sempre dedicou o seu tempo e cuidado para a sua família e se tornou um pilar de sustentação quando sua mãe ficou doente. Levemente envergonhada, mas a cada comentário sempre com um grande sorriso no rosto, nos disse que desejava ser enfermeira, mas era muito desajeitada para alcançar o desejo. Kimico atualmente trabalha registrada na casa de uma família pela qual tem muito afeto porque ela é capaz de se sentir em casa.

FIGURA 2- Claudeci Francisca de Melo



Foto: Gabriela Rodrigues

Lucimar Menezes de Souza, 58 anos. Começou como diarista aos dez anos de idade. Cuidava da casa e dos filhos, falando sobre o sofrimentos que os pais e o filhos cometem. Conta alguns relatos de discriminação dos patrões e fala da necessidade de saber se impor e não voltar a trabalhar nesses locais. Recordando que sua mãe a colocou para trabalhar na casa dos outros e, às vezes, uma das patroas a colocava pra comer fora de casa, aos seus 12 anos. Segurando seu cachorro chamado Toco em seu colo, vai compartilhando diversas histórias tanto dos seus familiares, quanto suas ao longo da sua vida. Gosta de ser diarista porque se a alguém desrespeita, ela pode ir embora.

FIGURA 3 - Lucimar Menezes de Souza



Foto: Gabriela Rodrigues

Rosimeire Costa Teixeira, 41 anos. Rose sorri o tempo inteiro. Enquanto trabalha, conta histórias e mantém o sorriso no rosto. De aparência jovial, compartilha que cresceu na casa da avó e, aos 18 anos, começou a trabalhar. Casou-se e teve seu primeiro filho. Trabalhou como empregada doméstica, mas, por não se sentir bem tratada em algumas experiências, optou pelo serviço de diarista, que lhe proporciona uma remuneração melhor. Rose lembra que define seu preço, mas muitas vezes não recebe o devido valor pelo seu trabalho. Em casa, tenta conciliar os cuidados domésticos com as crianças e a recém-chegada neta na família.

FIGURA 4 - Rosimeire Costa Teixeira



Foto: Gabriela Rodrigues

Sueli Menezes, 56 anos. Chegou a Londrina aos 14 anos e, ao completar 15, começou a trabalhar como babá, passando a morar com a patroa. Além de cuidar das crianças, ajudava nos afazeres domésticos com o apoio de uma diarista. Com o tempo, começou a namorar e tornou-se empregada doméstica. No entanto, sua rotina mudou completamente com o nascimento de seu primogênito, Reginaldo, que necessita de cuidados 24 horas por dia até os dias de hoje. Quando Régis completou cinco anos, ao levá-lo para a escola especial e às sessões de fisioterapia, Sueli começou a aceitar algumas diárias para complementar a renda. Assim, tornou-se diarista, profissão que lhe oferece maior flexibilidade para conciliar o trabalho com os cuidados de Régis e de sua outra filha, Rafaela. Ela conta que suas patroas sempre foram compreensivas em relação às necessidades do filho e permitiam que ela o levasse ao trabalho quando necessário.

FIGURA 5 - Sueli Menezes



Foto: Gabriela Rodrigues

3.4 Projeto gráfico e identidade visual

A proporção utilizada neste trabalho é de 24 x 26 cm, equivalente a 13:12. Embora menos popular em comparação a outros tamanhos padrão, essa proporção se destaca por sua versatilidade em contextos mais criativos. Escolhi esse tamanho para garantir espaço adequado para as imagens e o perfil, priorizando o destaque visual das fotografias. Além disso, o projeto gráfico foi desenvolvido com um número de colunas livres, respeitando as características do plano médio e do primeiro plano, de forma a valorizar a composição e o conteúdo apresentado.

Além disso, dois planos foram comumente utilizados para a construção da narrativa, o plano médio, capaz de mostrar a interação com o ambiente e o super close up, dando maior destaque a fisionomia.

3.5 Recursos

Para construção do trabalho foi utilizado a Canon T7i, a lente do Kit, lente da Canon 50 mm, para gravação do áudio das entrevistas um Motorola G60. Além da utilização do aplicativo Uber, e o transporte coletivo pra ir de encontro com as entrevistadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos gerais e específicos desse trabalho, bem como a bibliografia utilizada, com destaque para o feminismo subalterno, que evidencia as desigualdades estruturais geradas por gênero, raça e classe, foi possível observar de forma próxima a contundência das alegações de discriminação apresentadas ao longo das entrevistas.

Durante o processo, algumas dificuldades foram encontradas em relação ao local fotografado. Muitas casas eram estreitas e tinham pouca iluminação, e o uso do flash poderia gerar sombras indesejadas. Além disso, espaços como a lavanderia e a pia eram apertados, o que tornou a composição das imagens ainda mais desafiadora. Outro obstáculo foi a disponibilidade das trabalhadoras para as sessões fotográficas, já que, devido à longa jornada de trabalho, os horários disponíveis eram, em sua maioria, à noite ou aos domingos, dificultando o agendamento.

Apesar de a pesquisa ter abordado um número reduzido de participantes, ela trouxe importantes reflexões sobre a invisibilidade e a desvalorização do trabalho doméstico. Muitas dessas trabalhadoras enfrentam uma rotina que não termina ao final de um dia de trabalho. Ao chegarem em casa, ainda têm que cumprir uma jornada dupla: do trabalho doméstico, precisam limpar, cuidar dos filhos e realizar outras tarefas, o que evidencia as desigualdades de gênero, raça e classe.

Tais resultados ressaltam a relevância de estudos futuros que abordem essa profissão, sempre considerando os fatores históricos e sociais que permeiam as relações de trabalho das empregadas domésticas, como raça, classe e gênero. O aprofundamento desse tema em novas pesquisas pode contribuir para ampliar o entendimento sobre essas dinâmicas e, sobretudo, para fomentar debates que promovam transformações sociais

Para futuras pesquisas, sugere-se expandir o foco para diferentes cidades e contextos, além de investigar as mudanças nas condições de trabalho das empregadas domésticas ao longo do tempo. Acredita-se que este trabalho possa contribuir para uma maior conscientização e debates sociais, provocando reflexões sobre a realidade das mulheres no mercado de trabalho doméstico.

REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, Luciana. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 28, n. 3, 2020. DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n75304. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75304>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- BONI, Paulo César. O discurso fotográfico: a internacionalidade de comunicação no fotojornalismo. 2000. Tese (doutorado)- Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.
- BONI, Paulo César. O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade. *Studium*, n. 28, p. 159-173, 2009.
- BRASIL. Emenda Constitucional n.º 72, de 2 de abril de 2013. Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. *Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 abr. 2013.*
- BRASIL. Lei n.º 5.859, de 11 de dezembro de 1972. Dispõe sobre a profissão de empregado doméstico e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 13215, 13 dez. 1972.*
- DIEESE. Infográfico: Trabalho doméstico no Brasil – abril de 2023. DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/2023/trabalhoDomestico2023.html>. Acesso em: 23 set. 2024.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papyrus, 1996.
- OIT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO. *Tornar o trabalho digno uma realidade para o empregador doméstico*. Genebra: OIT, 2021. Disponível em: <https://example.com>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- QUE HORAS ELA VOLTA? Direção: Anna Muylaert. Produção: Caio Gullane e Fabiano Gullane. São Paulo: Gullane Filmes, 2015. Filme.
- SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SOUZA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.